

# O SAGRADO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA,  
28 DE ABRIL DE 2018

## SÍNTESE DAS COMUNICAÇÕES

FERNANDO RIBEIRO<sup>1</sup>

Este encontro que o CTEC promoveu na Universidade Fernando Pessoa contou com alguns dos mais prestigiados investigadores nesta área de investigação e tentou aprofundar as áreas da espiritualidade, das experiências excecionais, curas, milagres e perigos patentes na exibição do Sagrado.

**Rute Meneses** (CTEC, UFP) abriu o seminário, agradeceu as presenças e passou a palavra a **Paulo Martins**, autor da ideia deste encontro, que abordou a importância que o sagrado tem na sociedade contemporânea, uma resposta que a ciência não consegue acompanhar. Daí a importância nestas abordagens transdisciplinares em que o CTEC é pioneiro, também nesta iniciativa.

**Marina Lencastre** (UFP), apresentou a comunicação **Processos de humanização: como pensar o sagrado e a espiritualidade no mundo contemporâneo**. Deus não está morto como alguns disseram no séc. XX. Estabeleceu a diferença entre hominização e humanização, historiando práticas ancestrais totémicas e xamânicas de normatização social do sagrado arcaico, onde, a partir do xamanismo já se verifica a existência do bem, em cima, e do mal, em baixo (...). Hoje, nas evidências da neurologia, constata-se que o cérebro está programado para a espiritualidade. Mesmo nos chacras, como portais para o “eu” espiritual existe uma fisiologia do sagrado, que quando chega ao coração se transforma em amor. Fé, esperança, caridade, bem, relacionam-se com Deus. Cristo é alguém que vive no amor. Já o mal é o regresso ao caos inicial.

**Bruno Silva** (Centro de Psicologia, Universidade do Porto e CTEC, UFP), falou sobre o tema **Experiências Humanas Excecionais: diversidade, controvérsias científicas, mundivisões**

---

<sup>1</sup> CTEC/UFP

**e religiosidade.** Considerou que estas experiências fazem parte do ser humano. Percepção extrassensorial, telepatia, clarividência, precognição, experiências fora do corpo, estados alterados de consciência são exemplos de experiências que eram ridicularizadas no passado e hoje são matéria de estudo científico, mesmo quando tangem o folclore local e se misturam com o sagrado.

Seguiu-se um debate sobre estas comunicações e evocadas algumas experiências e vivências mentais interiores sobre situações de crença e sagrado, sendo classificadas como um processo interno mas que se pode transformar em externo. Foi dado como exemplo o caso de um soldado da I Guerra Mundial que escapou da morte porque disse ter visto o Sagrado Coração de Jesus. **Teresa Toldy** afirmou que não duvida que o soldado tenha visto, mas duvida que o Sagrado Coração de Jesus lhe tenha aparecido (...).

**José Soares Martins** (CTEC, UFP) apresentou o tema **O Regresso do Bandarra ou o Sagrado num Mundo Desencantado.** Uma nova religiosidade na pós modernidade. A “morte” de Deus no século passado não encerra o fim da religiosidade mas a ausência de um fundamento absoluto dos teólogos. Considerou o palestrante que há uma interpretação literal e autoritária da Bíblia por parte da Igreja nesta civilização laica com raízes cristãs. O Deus das cruzadas, da guerra santa, do nazismo, etc..

**Paulo Martins** (CIUHCT, Universidade Nova de Lisboa e CTEC, UFP) abordou **As curas “espontâneas associadas ao fenómeno das Aparições Marianas: uma perspetiva.** O investigador apresentou casos de curas espontâneas em que os doentes “sentiram Jesus”, faltando nestas situações, e à luz dos conhecimentos científicos atuais, um modelo transversal que integre os saberes científicos da medicina, conforme sublinhou. Historiou depois aspetos relacionados com a trilogia alma/mente/corpo e a harmonia dos livros sagrados do induísmo. Na sua opinião, as curas operam-se através de uma articulação entre alguém que pede e alguém a quem é pedido. Considerou vários níveis de realidades (físico, mental, energético, etc. / corpo, mental, prânico...). Falta entender ou compreender como é que a cura se opera no instantâneo, na consciência única, (fora do espaço e do tempo).

No espaço coloquial do painel da manhã, moderado por Rute Meneses, falou-se de Reiki, onde as curas à distância não necessitam de entidades espirituais. Partículas quânticas não são senso comum. A partícula não existe no espaço e no tempo. Mas nós somos quânticos porque somos constituídos por partículas, como lembrou Paulo Martins, a propósito das curas instantâneas. A Biologia não é um processo contínuo, tem saltos quânticos. Instintivamente as religiões aproximam-se do conceito, sem cerebralização, método e teorias do conhecimento... A cura efetua-se pela relação íntima mente/corpo (mente, espírito, energia que está doente e adoce o corpo) como nos chacras que são centros de consciência e a alteração da consciência repercute-se no corpo. “Limpar” as doenças espirituais purifica e cura o corpo, concordando-se, assim, com algumas teorias espíritas.

No Pannel da tarde, as próximas comunicações foram moderadas por **Raul Berenguel**.

**Teresa Toldy** (Universidade Fernando Pessoa) apresentou a comunicação **De que se fala nos milagres no Novo Testamento?** Para um mesmo fenómeno pode haver abordagens diferentes. A teóloga lembrou que, do ponto de vista epistemológico, não se deve criticar a outra explicação que não a científica. Devemos relativizar os discursos porque o fenómeno está para além das diversas interpretações que dele temos. Jesus diz que é a fé que nos cura. A fé é fundamental. “Levanta-te e anda”. Jesus foi perseguido pelos judeus porque curou ao sábado e não se deve fazer nada ao sábado, segundo a visão ortodoxa. A religião é feita para libertar as pessoas e não o contrário.

**Álvaro Campelo** (CTEC, UFP) falou do tema **Viver e exhibir o sagrado. Palcos e bastidores da sacralidade na contemporaneidade**. O antropólogo, investigador de campo nesta área, considerou o sagrado patenteado nas suas investigações no terreno, nas festas de São Bartolomeu do Mar e São Bento do Campo. Aí encontra-se o que está escondido no sagrado do quotidiano local. Ciência e religião devem complementar-se e atenderem ao espaço sagrado: paisagem, terreiro, capela, sentimentos, emoções. Pequei, sinto culpa; curei, sinto paz e felicidade. Religioso e sagrado, identifica e desidentifica. Quem sou, quem não sou. O que é o bem e o que é o mal. Com que me identifico. A construção social molda-nos, sustentou o investigador.

**Manuel Curado** (Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho) apresentou a comunicação **O Perigo do Sagrado: o pensamento de Salvador Freixedo sobre as intervenções sobrenaturais na História**. O que ganha qualquer poder não humano ao intervir na vida humana? Os deuses intervêm por bondade! O que move estas divindades no ciclo de “aparições marianas”? Não se vê o que está nos textos mas as suas interpretações, e as explicações dos teólogos são débeis. O deus de Israel assumiu as vestes do deus eterno e uno. Adulteraram o que está no texto: “outros deuses”. O cerne desta lógica é a excitação das divindades. Num universo enorme porquê reparar nestas formiguinhas humanas? Se temos muitos deuses neste planeta, o que é que eles querem de nós? O que podemos fazer nós? Somos pedintes. Quanto custa o serviço da salvação? Porquê entregar a mente ao divino? Defende o filósofo: “não evocar qualquer entidade”. Não oferecer a nossa dor (sacro masoquismo). O trauma religioso liberta o medo! Cita Salvador Freixedo: se somos propriedade deles, então seremos propriedade em tudo, emoções nossas são deles também.

No espaço coloquial deste pannel foi dito que a vida e obra de Jesus é momento de democratização da História. Teresa Toldy refere que a religião também tem a ver com a política. Jesus não diz que é filho de Deus. Outros o dizem. Jesus morreu, provavelmente por uma conjugação de religião que é poder... Jesus mexeu no sábado, na história do tempo. Jesus questionou a necessidade de mediação no acesso a deus. As elites sacerdotais ficaram sem poder. Qualquer pessoa pode ter acesso a Deus. Isto foi perturbador. Jesus morreu porque

se gera um complot para o eliminar. A autoridade civil não estava nas mãos dos judeus mas dos romanos, tendo Pilatos como representante. Gera-se uma conjuração contra Jesus acusado de fazer a revolta contra os romanos e por isso foi morto (...). Ninguém se define por um erro que tenha cometido, por isso Jesus olha para o ser humano com olhar renovado. Hoje, o que se diz sobre religião já tem pouco a ver com o que de recente existe. A tradução em cada época interpreta a transfiguração do momento fundacional, disse Teresa Toldy, em resposta a perguntas da plateia. Acrescentou que a Ressureição significa que aqueles que estiveram mortos, foram emancipados. Jesus ressuscita na fé dos seus discípulos e não pelo ato físico. Assim, o discurso teológico hoje, em Portugal, ainda não está atualizado. Parou no tempo.

Neste espaço de perguntas e respostas, Manuel Curado sustentou que é difícil chegar à chave do real, pois tudo acontece sem que a nossa margem, pequena, fosse escolhida por nós. O que por vezes nos salva é a vida pequenina porque nos auxilia a não ver os detalhes. Assim, a mediocridade é protetora. O intelectualismo estraga o programa e a inteligência pode retirar a alegria aos adormecidos. Neste contexto, a religião liberta e escraviza.

Por fim, Álvaro Campelo esclareceu que, na sua investigação de campo, ao referir-se à festa pagã em Valongo, Sobrado, e mesmo nas festas de São Bento, as pessoas comportam-se com sentido, não são ignorantes. Há um sentido nas práticas religiosas. A dor e o sofrimento faz parte da vida das pessoas, mas a dor aprisiona. O conteúdo da dor, da angústia, associadas ao mundo religioso faz com que, manipular a dor, conceda poder (...).

## CONCLUSÃO

Se o sagrado se relaciona com Deus e, conseqüentemente, transcende o humano, então precisamos de o experienciar tentando aceder a um outro espaço/tempo, numa viagem pelo interior do nosso Ser, pelos “portais” que nos ligam à espiritualidade (fora do corpo!), onde se conectam as ligações energéticas/neuronais! (em consciência). Ou então precisamos agora de operacionalizar e desvendar as raízes do medo (ilusão do ego, precursor do sagrado); da dor emocional (ligação ao passado eternizado, que pulsa latente na nossa mente); da fé e crença, (geradoras de paz e alegria); das curas, que estiveram, ao longo dos tempos, sempre para além da compreensão dos modelos de conhecimento científicos. É este o momento para lembrar que, apesar de tudo, o discurso científico parece, ainda, ser o único que congrega todos os outros; convirá é conhecer melhor esses modelos e, em particular, neste contexto, o discurso religioso. Ou será que o sagrado opera através da inquietude da mente e dos males do corpo, na busca coordenada, e intrincada, das melhores conexões neuronais que propiciem a segurança, a clarificações dos medos, a alegria, o amor e a paz, numa relação homeostásica entre energia e matéria (energia condensada), entre a mente e o corpo/físico?

Não esquecer que na natureza tudo é espontâneo!

A natureza clarividente e inovadora, bem como a estética filosófica, patentes neste encontro, andaram lá perto e, por isso, se aconselha a que os autores publiquem os seus textos, para continuarmos o caminho das estrelas (graças a Deus e aos seres humanos/deuses).

A Universidade Fernando Pessoa/CTEC continuará a semear maiêutica, como farol que corta o nevoeiro (do Desconhecido, ou do que conhecemos mal).

## ERRATA

O resumo da comunicação de Teresa Toldy subordinada ao tema “De que se fala nos milagres no Novo Testamento?”, elaborado por Fernando Ribeiro, encerra incorreções de forma e conteúdo, pelo que, a pedido da autora, se publicam aqui as seguintes correções:

1. Onde se lê “do ponto de vista epistemológico, não se deve criticar a outra explicação que não a científica”, deverá ler-se “os fenómenos estão para além das diversas interpretações dos mesmos. Significa isto, do ponto de vista epistemológico, que existem várias formas de conhecimento”. A afirmação em causa não deve, pois, ser interpretada como se a autora da comunicação se colocasse numa perspetiva de “relativização dos discursos acerca dos fenómenos”, mas sim de reconhecimento da necessidade de abordagens multidisciplinares cientes do carácter incompleto destas diversas abordagens, pois o fenómeno está para além das interpretações do mesmo.

2. Onde se lê “Jesus foi perseguido pelos judeus porque curou ao sábado e não se deve fazer nada ao sábado, segundo a visão ortodoxa” deverá ler-se: “Jesus foi perseguido pelas autoridades religiosas do seu tempo por pôr em causa as instituições que tutelavam os ritos religiosos identitários e que demarcavam a separação entre ‘peritos’ e ‘não peritos’ no acesso ao transcendente.” É neste contexto que se compreende a atitude de Jesus ao curar ao sábado: o sábado constituía uma das instituições fundamentais reguladas pelas autoridades religiosas. Além disso, na comunicação não foi afirmado que “Jesus foi perseguido por judeus”, o que constituiria um anti-semitismo e um *non-sense*, uma vez que Jesus era ele próprio judeu. A referência à ausência de qualquer atividade ao sábado – menção na qual foi utilizada uma linguagem técnica e não prosaica – entende-se como um reforço da ideia já enunciada: Jesus pretende afirmar que os ritos e as instituições religiosas existem em função das pessoas, e não o contrário e que não existem mediações humanas entre as pessoas e o transcendente. Ora a afirmação da inexistência de mediação entre o transcendente e os crentes desagradou às autoridades religiosas do tempo de Jesus, não por serem judaicas, mas por serem instâncias de poder religioso.

3. No que diz respeito ao resumo do debate (chamado “espaço coloquial”) deste painel, onde se escreve que “Jesus morreu, provavelmente por uma conjugação de religião que é poder”, deve ler-se que “Jesus foi executado na sequência de um processo em que existiu uma conjugação entre a religião e o poder da altura, nomeadamente, o Império Romano”.

4. Onde se lê: “Jesus mexeu no sábado”, deverá ler-se (mais uma vez, numa linguagem técnica, e não prosaica) que “Jesus pôs em causa o carácter absoluto do respeito pelo sábado”, à luz da explicação dada anteriormente.

5. Onde se lê: “Ninguém se define por um erro que tenha cometido, por isso Jesus olha para o ser humano com olhar renovado” deverá atender-se ao contexto do debate, no qual se discutia o significado teológico da “cura” não como um processo físico, mas como uma possibilidade de recomeço, de renovação existencial. A referência à ressurreição entende-se, teologicamente, nesta mesma perspetiva: significa uma passagem simbólica da morte à vida, de uma vida sem sentido à descoberta de um sentido para a vida, e não de uma “emancipação”, expressão desadequada no contexto.

6. A frase “hoje, o que se diz sobre religião já tem pouco a ver com o que de recente existe” deverá ser desconsiderada, pois a autora da comunicação, participante no debate, ao lê-la não consegue encontrar nexos para a mesma.

7. A frase: “Assim, o discurso teológico hoje, em Portugal, ainda não está atualizado. Parou no tempo”, pela ausência total de referência ao contexto em que teria sido dita, carece igualmente de sentido, pelo que deverá ser também desconsiderada.